

EUCARISTIA E DOM DE SI

Província Nossa Senhora de Guadalupe
25/26 de agosto de 2018
Padre Fiorenzo Salvi, sss

1. O dom que nasce da Eucaristia

“O amor não é senão exagero.
Exagerar é ir além do que é prescrito.
Bem, o amor deve ser exagerado!”
(31 de outubro de 1867, PR 124)

Esta afirmação de Padre Eymard, poucos meses antes de sua morte, revela o quanto ele havia caminhado na via do *amor* e do *dom de si*. Isso nasce de uma participação da Eucaristia que transformou sua vida, à imitação da vida de Cristo.

Um ponto de chegada e de partida

No centro da experiência humana e espiritual de Padre Eymard, há um fato que constitui o ponto de chegada e o ponto de partida para uma nova etapa de sua vida.

Esta experiência é o *dom de si* que ele faz a Deus em 21 de março de 1865, durante um longo Retiro (25 de janeiro a 30 de março de 1865) em Roma, na casa dos Redentoristas, próxima a Santa Maria Maior, enquanto aguarda uma resposta da *Propaganda Fide* a seu pedido para uma fundação em Jerusalém, no Cenáculo, onde Jesus instituiu a Eucaristia e casa comum da igreja nascente. As notas escritas que nos deixou ajudam a percorrer novamente os passos desse extraordinário caminho.

Esse Retiro se inicia em 25 de janeiro, festa da Conversão de São Paulo. Padre Eymard põe para si a mesma pergunta que Paulo, cego, na via de Damasco, dirigiu ao Senhor (Cf. At 22,10), e a resposta antecipa o *dom de si* que será chamado a fazer: “Que devo fazer, Senhor? É necessário que eu morra *a mim mesmo*, ou melhor que eu me dê totalmente a Nosso

Senhor com a espontaneidade natural de um servo fiel” (27 de janeiro de 1865, NE 44,4).

Queremos percorrer novamente essa aventura no Espírito que ajuda também a cada um de nós a compreender as exigências de uma autêntica participação na Eucaristia, a vida que nasce da Eucaristia, a transformação daquilo que somos e daquilo que fazemos.

Chave de leitura: o Mistério Pascal

Da morte de Jesus nasce a nova vida. Este vínculo natural entre morte e vida é o fundamento da vida cristã e o coração da celebração da Eucaristia. Exatamente durante a Última Ceia, Jesus expressa esse vínculo entre sua morte e o novo mundo que dela nasce. Instituinto a Eucaristia, inaugura a possibilidade concreta para todos de entrar nesse novo modo de viver. A nova vida nasce de sua morte, do dom que Ele faz de si mesmo: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

Nossa participação na Eucaristia nos insere sempre mais profundamente nessa dinâmica de morte – vida. É o que podemos definir como a força transformadora da Eucaristia.

Pois bem, somente poderemos compreender a riqueza e a profundidade do *dom de si* de Padre Eymard à luz do Mistério Pascal de Cristo, mistério de morte e ressurreição que, na Eucaristia, se atualiza e nos compromete.

Três anos antes do término de sua vida, Deus o conduz ainda mais profundamente para dentro desse mistério. O que é o dom de toda a própria pessoa senão a participação plena no mistério da cruz? A afirmação de Paulo: “Não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gal. 2, 20) que ele torna sua é a aceitação de um êxodo, de uma passagem dolorosa e fecunda que o conduz a um abandono pleno e confiante em Deus, sem mais reserva alguma. Portanto, podemos dizer que nesse Retiro Deus está conduzindo Padre Eymard a uma nova unidade original de toda sua existência: uma vida eucarística iluminada pelo *dom de si mesmo*.

As meditações dos dias 4 a 6 de março de 1865 (NR 44,80-83) nos ajudam a delinear alguns elementos importantes dessa mudança.

Um centro de vida

“O coração do homem tem necessidade de um centro” (4 de março de 1865, NR 44,80).

Em seus apontamentos pessoais, Padre Eymard, com frequência, se culpa de estar dissipado, ligado a muitas coisas, de ter perdido de vista o eixo, o ponto de conexão e síntese de sua vida. Ei-lo, portanto, empenhado em identificar esse *centro de vida, um centro dinâmico, um centro de amor no qual “habitar”*.

Este centro de vida e de amor é o Cristo e o Cristo da Eucaristia.

“Nosso Senhor quer ser o centro do amor de seus discípulos, de mim. ‘Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permaneci em meu amor. Se observardes meus mandamentos, permanecereis em meu amor, assim como observei o que mandou meu Pai e permaneço em Seu amor’ (Jo 15, 9-10). O que significa permanecer no amor de Jesus Cristo? Significa fazer dele o centro de nossa vida. Ora, esse centro deve ser a Eucaristia; ali está Jesus” (4 de março de 1865, NR 44, 80).

Tal centro deveria ser inato nele, visto que fora chamado à vocação eucarística.

“Este centro me é facilmente acessível: de fato, já vivo ao redor da Eucaristia. Ela constitui a ocupação e a própria norma exterior de minha vida. Será para mim bem mais fácil do que em qualquer outra situação, porque a Eucaristia é minha graça” (4 de março de 1865, NR 44, 80).

Um centro para estabelecer a união de amor com o Senhor:

“Não há outro centro senão Jesus e, para mim, *Jesus Eucaristia*. [...] E com qual objetivo? Para estabelecer e incrementar a união” (6 de março de 1865, NR 44, 83).

“Jesus nos atrai incessantemente para Ele como um imã; é uma atração contínua e nisso consiste a vida do amor” (6 de março de 1865, NR 44, 83).

Um centro que ilumina cada dimensão de sua vida:

“Entretanto, é preciso que o Deus eucarístico seja meu pensamento dominante natural e sobrenatural, meu ponto central, a lei de minha vida” (5 de março de 1865, NR 44,81).

Um centro a ser reencontrado

Padre Eymard reconhece que não está ainda nesse centro de forma permanente e estável.

“Jesus é o centro de meu coração? Sim. Nos sofrimentos extraordinários, nos primeiros momentos de reconhecimento ou nos acontecimentos excepcionais, mas não o está nas situações normais da vida. Não penso, não decido nem ajo em Jesus como centro: eis a realidade, um fato muito certo e muito triste” (4 de março de 1865, NR 44, 80).

Não basta falar da Eucaristia, pregar a Eucaristia, fazê-la conhecida aos outros.

“Ora, até o momento, eu me detive na dimensão doutrinária e no estudo sobre Eucaristia, nos meios exteriores do sucesso; não penetrei na medula e no coração deste centro do amor divino; eis por que estou muito agitado. Trabalhei muito com a mente, com o corpo e com os recursos externos, mas não com o *coração* e com o amor. Por isso, meu centro era a inteligência, a ciência da Eucaristia, os aspectos externos da Congregação e não meu centro vital, centro que deveria ser para mim muito fácil porque dele tenho o conceito e o conhecimento, centro que constitui minha graça de estado, centro que deve formar e alimentar as virtudes cristãs e evangélicas sem que eu deva procurar em outro lugar, centro que, conseqüentemente, me nutre porque se trata de uma atmosfera de luz, de suavidade e de paz. É Nosso Senhor” (5 de março de 1865, NR 44, 81).

“Todavia, este centro, para mim, é ainda muito frágil e a atração em direção a ele, insuficiente e incerta; no entanto:

‘Quem se alimenta com minha carne e bebe meu sangue, permanece em mim e Eu nele’ (Jo 6, 56) (6 de março de 1865, NR 44, 83)”.

As exigências de um novo dom de si

Eis o ponto essencial. Agora, ele se pergunta como entrar nesse centro de vida, qual a condição e já antecipa o passo decisivo que se expressará no dom radical de si mesmo.

“Como, então, Nosso Senhor não é o centro de minha vida? Porque Ele não é ainda o *Eu de meu eu*. Porque não o amo com fervor suficiente. Meu coração é atraído para a glória de seu serviço, mas não para dar prazer a seu coração.

O que fazer para chegar a esse centro? Entrar nele, torná-lo morada estável! Agir nesse centro e por esse centro divino. Um filho trabalha para seus pais, a esposa para o esposo, o anjo para seu Deus, o adorador para Jesus Cristo” (4 de março de 1865, NR 44,80).

Nesse momento, o horizonte torna-se claro:

“No entanto, é preciso, *ó meu Deus*, que saias de *ti mesmo*, que vivas do *coração*, na bondade de Jesus Eucaristia! É necessário um amor de nobre paixão que renuncie a tudo de uma vez e doe tudo de um só golpe. “Viverá por mim, porque habita em mim” (Cf. Jo 6, 57-58) (5 de março de 1865, NR 44,81).

Este é o passo decisivo ao qual, agora, o Senhor o chama e que antecipa já o abandono do 21 de março.

“Coragem, minha alma, saiamos do mundo. Sai de ti mesma, desapega-te de ti mesma e vai em direção ao Deus da Eucaristia: Ele tem uma morada e te quer. Quer viver contigo, quer doar-se a ti e viver em ti. Sê em Jesus aquilo que foi na pessoa divina sua natureza humana na Encarnação: estava despojada de sua personalidade. E como se vive pelo *eu* e o *eu* é a pessoa, a alma humana e o corpo de Nosso Senhor somente viviam para a pessoa divina do Verbo que, por sua vez, não vivia senão para o Pai e através do Pai.

Propósito: Renovar minha doação, doação ainda parcial, *abandono* – “[...] mas Cristo vive em mim” (Gal 2, 20).

Entretanto, é necessário até o sacrifício daquilo que custa mais e fazê-lo, particularmente na oração” (4 de março de 1865, NR 44,80).

2. Em busca da morada nupcial

Já nos primeiros dias de seu longo Retiro de Roma de 1865, a luz do Espírito conduz Padre Eymard para o *dom de si*, graças à nova compreensão de sua realidade de batizado, religioso e sacerdote.

A meditação de 5 de março é concluída assim:

“Sai (de tua terra. Ex 12, 1)”. Vem. “Eu a conduzirei ao deserto e falarei a seu coração” (Os 2, 16). É o amor de preferência, o dom de si, o trabalho da união. A ação das raízes ocorre sob a terra e é a vida da árvore.

Aqui está a grande *luz* do Retiro, a compreensão desta verdade: ‘O Reino de Deus está dentro de vós’ (Lc 17,21)” (5 de março de 1865, NR 44, 82).

O Reino de Deus em nós

Jesus realiza em si – e isto faz dele o Messias, o Salvador – o início de um mundo novo reconciliado com Deus; Ele é e vive como o Filho amantíssimo que o Pai ama e a quem concede tudo. Ele é Filho porque totalmente entregue à vontade do Pai, favorecendo a vida de dom e de amor.

Neste sentido, é Ele mesmo o Reino de Deus, não só porque o anuncia, mas porque o realiza. Ele pode, portanto, anunciar: “O Reino de Deus já está no meio de vós” (Lc 17,21).

Como se realiza este Reino nele? Livremente Ele se fez total obediência à vontade do Pai. A vontade do Pai torna-se sua vontade, Ele e o Pai são um.

A missão de Jesus é convidar a humanidade a entrar neste verdadeiro modo de viver: viver como Filhos de Deus, como Ele, Nele e por Ele. Isto exige a conversão, assumir seu estilo de vida, crer e aderir a Ele: “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Nova” (Mc 1, 15).

Padre Eymard teve uma compreensão lúcida de tudo isso: Jesus é modelo de obediência à vontade do Pai.

“Considerarei novamente Nosso Senhor como totalmente submisso ao Pai, que repete fielmente e com amor sua palavra e suas ações, que executa perfeitamente suas ordens e que não faz nem diz nada por si mesmo. Admirei Nosso Senhor em Nazaré, sua vida insignificante aos olhos do mundo, ignorada pelos homens e tão simples em si mesma. No entanto, o Pai se agrada dessa vida mais do que de qualquer outra: Ele se compraz em seu divino Filho e nosso Salvador que, escondido, O glorifica e nos santifica, não tendo outras testemunhas senão Ele, que se ocupa em seu miserável estado de coisas de tão pouco valor! Na verdade, essa vida escondida está totalmente voltada para Deus: Glorifica mais a Deus com o sacrifício de si mesmo que com todo o prodígio fora dele. Eis o Reino de Deus dentro de nós mesmos” (23 de fevereiro de 1865, NR 44, 60).

Daqui deriva todo o conhecimento que é exatamente aquele que Deus quer levar à realização em sua vida, agora, de um modo verdadeiro, profundo, total e consciente.

A morada nupcial

Qual é o lugar desse encontro, dessa união? Onde é a morada nupcial? É Ele mesmo!

“Qual é o lugar da união com Jesus Cristo? *Sou eu mesmo.* Em Jesus Cristo se realiza a união. ‘Permanecei em mim’ (Jo 15,4). Todavia, em Jesus Cristo dentro de mim ocorre o exercício, a virtude desta união. Nada mais verdadeiro! ‘Se alguém me ama, guardará minha palavra; meu Pai o amará e nós viremos e faremos Nele nossa morada’ (Jo 14,23). ‘Eu neles e tu em mim para que sejam perfeitamente unidos, e o mundo conheça que Tu me enviaste e os amaste como amaste a mim’ (Jo 17,23).

São Paulo chama nosso corpo “templo do Espírito Santo” (Cf. I Cor 6,19); habita, portanto, em nós e Jesus Cristo no-lo deu “para que permaneça convosco para sempre”.

‘O reino de Deus está dentro de vós’ (Lc 17,21). ‘A filha do rei é toda esplendor’ (Sl 44,14). ‘Venha teu reino’ (Mt 6,10), isto é: *reina sobre nós*. ‘Coragem, coragem, portanto, alma que crê, diz a Imitação de Cristo, prepara teu coração para este esposo a fim de que Ele se digne vir e permanecer em Ti’ (Imitação 2,1:8). E São Paulo: ‘Cristo vive em mim’ (Gal 2,20), *em mim. é claro!*” (23 de março de 1865, NR 44, 126).

Vemos como não é a Eucaristia o “lugar” da união, mas nós mesmos; graças à Eucaristia Jesus nos deu a possibilidade de realizar em nós o reino de Deus, viver como Ele como verdadeiros filhos de Deus, amando a Deus e o próximo com Seu amor. Somos o verdadeiro templo onde Deus quer habitar de modo permanente como nosso centro de vida e de amor, graças à Eucaristia.

“Nosso Senhor vem sacramentalmente em nós para vivermos espiritualmente. O sacramento é o véu que O envolve e se rompe sob a pressão do amor do coração, assim como o éter fechado em uma cápsula se expande no estômago sob a ação do calor natural. Nosso Senhor quer fazer do interior do homem seu verdadeiro templo. ‘A alma do justo é a sede de Deus’, diz São Gregório, para que o homem não tenha dificuldade para ir a seu Senhor Jesus, mas o encontre facilmente e sempre a sua disposição, como seu Mestre, seu modelo e sua graça: deve apenas recolher-se dentro de si mesmo, em Jesus. [...]

Esta verdade me surpreende mais do que me exalta: será possível que Deus persiga assim uma alma? E se coloque a sua disposição, queira habitar em um corpo tão vil e em uma alma tão miserável, terrena e ingrata? Entretanto, é divinamente verdadeiro! Eu creio e agradeço, meu Deus; eu vos adoro em vós mesmo” (23 de março de 1865, NR 44, 126).

Um centro de amor

Sabemos bem quanto a palavra “amor” é muito usada e abusada. Já no Novo Testamento, para descrever a novidade do amor inaugurado por Jesus, das três palavras gregas relativas a este termo (*eros* – amor entre o homem e a mulher;

philia – amor de amizade; *agape* – capacidade de amar), escolhe o termo *ágape*, que na língua grega era até marginalizado e quase nunca usado. Um termo novo para descrever uma nova visão de amor.

É sobretudo o evangelista João que nos apresenta as características (a teologia do *ágape*) desse novo amor e será sobretudo nele que Padre Eymard se inspirará.

João nos apresenta esse amor em cinco passagens, estreitamente vinculadas entre si:

1. Deus é amor e Ele nos amou por primeiro: “E nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor (*ágape*); quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele” (1 Jo 4, 16).

2. Este amor se manifesta plena e totalmente em Jesus Cristo: “Foi assim que o amor de Deus se manifestou entre nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo para que tenhamos a vida por meio Dele. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou seu Filho como oferta de expiação por nossos pecados” (1 Jo 4, 9-10).

3. O amor de Jesus pelo Pai encarna-se em sua vida de Filho obediente a sua vontade porque o Pai o ama: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30); “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo sua obra” (Jo 4, 34). A vontade de Jesus, de qualquer modo, anulou-se para dar lugar àquela do Pai; o projeto do Pai tornou-se seu projeto e olha toda e qualquer coisa sob o ponto de vista do Pai.

4. Este amor se expressa no dom de si que encontra o ápice em sua morte: “Nisto sabemos o que é o amor: Jesus deu a vida por nós” (1 Jo 3, 16); sobre a Cruz seu amor é puro dom gratuito sem necessidade de retribuição.

5. O amor (*ágape*) de Deus em Cristo é a vida e a tarefa do cristão; compartilhar o amor de Deus entre os demais, doar-se a si mesmo é o verdadeiro horizonte e a

plenitude de sentido para o homem que encontra assim sua liberdade e verdade. "Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 34-35).

O amor de Deus revelado e dado em Cristo se perpetua na Eucaristia. Ele envolve quem dela participa na dinâmica da doação do Cristo, na dinâmica do amor (ágape) de Deus. Graças a ela, o amor de Deus vem a nós para continuar a operar em nós e através de nós. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente praticado é uma Eucaristia inacabada.

"Chego à montanha do amor"

Ao *dom de si* (21 de março de 1865) Padre Eymard chega exatamente após uma série de reflexões sobre o amor, o amor que Deus lhe manifestou ao longo de toda sua vida, revelado em Jesus e que se perpetua na Eucaristia. Nos escritos de Padre Eymard, o termo *amor* juntamente com o verbo *amar* são os mais citados (cerca de 19.000 vezes).

No dia 14 de março, começa o último trecho do caminho que o leva ao dom de toda sua pessoa.

"Finalmente, depois do deserto, chego à montanha do amor! Caminho cansativo, navegação tempestuosa! Eis-me agora diante do trono do amor. Deus seja louvado!" (14 de março de 1865, NR 44,102).

E conclui em 18 de março:

"O *amor!* Eis minha lei e meu caminho, minha virtude e minha força, minha alegria e minha felicidade, minha vida, minha morte, meu paraíso. Amém!" (18 de março de 1865, NR 44, 111).

3. "Não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim"

O caminho espiritual pelo qual Deus conduz Padre Eymard é como a obra paciente do escultor que, progressivamente,

retira o material supérfluo para fazer emergir sua obra em toda sua beleza.

Padre Eymard, particularmente durante o longo Retiro de Roma (de 25 de janeiro a 30 de março de 1865), se submete a esse progressivo despojamento para que Cristo surja nele em toda sua beleza. Como Cristo, que de sua Encarnação até sua morte na Cruz renuncia por amor a qualquer projeto seu ou vontade para que emerga unicamente a vontade do Pai, assim acontece agora, nele.

A vida que nasce da morte

O dia que precede o *dom de si* é marcado pelo sofrimento e pela cruz:

“Fiz a oferta das três cruces de hoje que sufocavam meu coração e dilaceravam minha alma” (20 de março de 1865, NR 44, 117).

Ele se refere à lentidão com que avança seu pedido acerca da fundação de uma Comunidade no Cenáculo, em Jerusalém, o comportamento do Padre De Cuers, seu primeiro companheiro que suporta mal a morosidade, e as provas que estão vivendo as Servas do Santíssimo Sacramento, Congregação feminina fundada por Padre Eymard em 1858. É por essa mescla de amor e cruz que Deus o está conduzindo ao passo decisivo que espera dele.

O amor de Deus por nós revela-se e entra na história do homem também através da morte. Entender o vínculo entre a morte de Jesus e a realidade do amor não é fácil e, frequentemente, foi explicado com categorias que não colhem plenamente a novidade do Evangelho, como, por exemplo, a “satisfação vigária”: o sofrimento e a morte de Jesus são o “preço” que Ele paga ao Pai pelo resgate da humanidade pecadora!

Jesus, na Cruz, sacrifica seus ideais por amor ao Pai: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4, 34; 6-38). O amor ao Pai e à humanidade exigem dele um esvaziamento progressivo, uma *kénosis*, um despojamento até

a morte de cruz. O segredo e a fecundidade da morte de Jesus estão neste amor grande como a morte.

A Eucaristia celebra esse amor e essa fidelidade de Jesus que torna seu o projeto do Pai, por nosso amor. Participando deste mistério, temos a possibilidade de viver nossa vida com Ele, Nele e por Ele.

21 de março de 1865

Chegamos, então, a 21 de março que, no Calendário Litúrgico, é a Festa de São Bento, fundador da Ordem dos Beneditinos. Nesse dia, Padre Eymard, nos apontamentos que nos deixou, reflete sobre os santos, particularmente sobre os fundadores.

Todos passaram através da Cruz e ele não é exceção:

“Não há santo algum que não tenha sido crucificado pelo mundo, que não se tenha ele mesmo crucificado, que Deus não o tenha crucificado de maneira admirável. Sobretudo os apóstolos e os fundadores das famílias religiosas sofreram muito. Fundar significa cavar a terra do próprio coração, cortar pedras, martelá-las, cimentá-las, interligá-las, retirar delas a forma primitiva, privá-las de sua liberdade e de sua forma” (21 de março de 1865, NR 44, 118).

É isto que ele está vivendo em sua carne, em razão das inúmeras dificuldades.

Deus o está atraindo para sua participação plena da Cruz de Cristo, para viver uma nova etapa de sua vida. Sua missão de fundador e apóstolo da Eucaristia deve agora estar unificada à experiência de Cristo. Como Ele salvou o mundo passando através da Cruz, também Padre Eymard deve entrar nesse mistério de sofrimento e de amor:

“Os sofrimentos em razão do fundamento do edifício garantem a solidez e a beleza da casa; mais profundas são as raízes, mais ainda será vigorosa a árvore; mais a mãe sofre, mais depressa ocorrerá o parto. ‘Pois morrestes, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus’ (Col 3,3) (21 de março de 1865, NR 44, 118).

Ciente de seu papel de fundador, diz de si mesmo:

“Sofri muito por causa de meus defeitos, mas não pelo amor de Deus e em razão de sua glória. Fui um doente, não um soldado. Também a Congregação está sempre em dores latentes do parto: seu espírito não é vigoroso, seus membros não são fortes e unidos, seu crescimento não é efetivo; ela se mantém flutuando, vegeta” (21 de março de 1865, NR 44, 118).

Agora está disposto a qualquer sacrifício, a ser abandonado por todos, como Cristo a fim de que esta criatura se consolide:

“Meu Deus, eis-me com Jesus no Horto das Oliveiras. Quereis que todos me abandonem, que todos me reneguem, que ninguém mais me reconheça, que eu seja como um peso, um obstáculo, um motivo de humilhação? *Eis-me, Senhor: queima aqui, aqui corta, aqui me despoja, aqui humilha; dá-me hoje somente Teu amor com Tua graça e amanhã a Cruz na esterilidade, mas que eu possa ser Teu escabelo na Santíssima Hóstia*” (21 de março de 1865, NR 44, 118).

Deus o está conduzindo ao sacrifício, ao *dom de si* por amor. Jesus, no escurecer de sua vida, quando tudo se volta contra ele e um dos seus o está vendendo, ao invés de salvar-se ou retirar seu amor, doa a si mesmo antes na Eucaristia: “Este é meu corpo entregue, este é meu sangue derramado” (Cf. Mt 26, 29). E depois, na Cruz: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

O dom de si nasce da Eucaristia

O caminho espiritual pelo qual Deus conduz Padre Eymard encontra seu ápice nos dias desse longo Retiro em Roma (de 25 de janeiro a 30 de março de 1865). Como Cristo, desde sua encarnação até sua morte na Cruz, renuncia por amor a todo projeto pessoal ou vontade a fim de que emerga unicamente a vontade do Pai, assim também ocorre com ele, nesse momento. Sob essa cruz, podemos compreender as palavras de Paulo que ele torna próprias no *dom de si*; devem ser lidas à luz do mistério pascal (morte e ressurreição), que é sua chave de leitura: “Com Cristo, fui pregado na Cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na

carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gal 2, 19-20).

Todavia, um último elemento ilumina essa experiência. Essa passagem pascal da morte a si mesmo a fim de que Cristo viva nele, esse renascimento, essa transformação, esse êxodo ocorre graças à Eucaristia.

Padre Eymard faz o *dom de si* durante a oração de Ação de Graças que se fazia imediatamente após a Missa e que normalmente durava meia-hora. É este um tempo de união sponsal, de colóquio íntimo com o Senhor que acabou de receber na comunhão sacramental. É exatamente nessa comunhão de vida que Cristo o leva a oferecer sua existência de modo radical, sem reserva alguma, compartilhando, assim, o que Ele mesmo fizera. Cristo o conduz àquele abandono total que é a verdadeira liberdade.

Então, podemos compreender a importância fundamental da segunda citação bíblica, depois daquela de Paulo, que vincula a experiência do mistério pascal de Cristo a sua possibilidade de reviver em nós, graças à Eucaristia: “Como o Pai que vive me enviou, e eu vivo por meio do Pai, aquele que de mim se alimenta viverá por meio de mim” (Jo 6, 57).

O *dom de si* é fruto da Eucaristia, nasce da comunhão com o Cristo e manifesta a obra do Espírito que o transforma no Corpo e Sangue de Cristo!

Eis o texto que testemunha esse evento extraordinário:

“No final (da ação de graças), fiz o voto perpétuo de minha personalidade a Nosso Senhor Jesus Cristo, nas mãos da Santíssima Virgem e de São José, com o patrocínio de São Bento, cuja festa ocorre hoje: *nada para mim como pessoa e pedindo a graça essencial, nada para mim*”.

“Ora, como no mistério da Encarnação a humanidade santa de Nosso Senhor foi despojada de sua própria pessoa, de modo que não buscava mais a si nem o interesse pessoal, não agia mais para si porque tinha em si outra pessoa que a substituía, isto é, a pessoa do Filho de Deus, tendo como objetivo somente o interesse do Pai, que mantinha presente sempre em todas as coisas, do mesmo modo devo ser

aniquilado em qualquer desejo e em qualquer interesse pessoal; devo antepor somente aqueles de Jesus Cristo, que está em mim para viver em mim por seu Pai.

Para permanecer em mim desta forma, Ele se dá na Sagrada Comunhão. “Como o Pai que vive me enviou, e eu vivo por meio do Pai, aquele que de mim se alimenta viverá por meio de mim” (Jo 6, 57).

É como se o Salvador me dissesse: “Enviando-me com a Encarnação, o Pai fez endurecer em mim toda raiz de busca de mim mesmo; de fato, não me deu a pessoa humana, mas me uniu a uma pessoa divina para fazer-me viver por Ele; assim, por meio da comunhão, tu viverás por mim, porque eu viverei em ti. Eu preencherei tua alma com meus desejos e com minha vida que consumará e aniquilará em ti tudo aquilo que te pertence. Isto a tal ponto que serei eu a viver a desejar tudo em ti, em teu lugar. E assim, tu serás totalmente revestido de mim, serás o corpo de meu coração; tua alma será as faculdades ativas de minha alma; teu coração será o receptáculo e o batimento de meu coração. Eu serei a pessoa de tua personalidade e tua personalidade será a vida da minha personalidade em ti”.

“Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20) (21 de março de 1865, NR 44, 119).

Eis o *dom de si* que Padre Eymard denominará: “meu novo voto” (22 de março, NR 44, 121).

Ora, de um modo novo, Cristo é seu centro de vida, centro de amor, fonte e alimento do dom de si mesmo a Deus e ao próximo.

A isto chega todo aquele que participa da Eucaristia.

Conclusão

A grande tentação do caminho de fé é adaptar-se, contentar-se. Entretanto, se a fé não se torna mais madura, retrocede; se não se faz mais profunda, murcha; se não se faz mais radical, corre o risco de tornar-se insípida.

É este também o caminho de Padre Eymard. Sua permanência forçada em Roma converte-se em seu caminho de Damasco onde, como ocorreu a Paulo, o Senhor o espera.

Fora a Roma para realizar seu ambicioso projeto de uma fundação no Cenáculo e, sem dúvida, descobre que Deus tinha outro projeto: fazer dele o verdadeiro cenáculo, o autêntico lugar no qual “habitar” definitivamente de um modo novo ao “preço” de um abandono total Nele, sem reservas.

“Não quero tuas coisas, quero a ti”. Esta passagem da Imitação de Cristo o ajudou a compreender o que, entretanto, o impedia de ser ele mesmo, um cenáculo vivo. E, finalmente, se abandona.

As palavras de Paulo: “Não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20) descrevem muito bem a conclusão dessa longa caminhada e sintetizam o que aconteceu com ele.

Assim, o que parecia ter sido um tempo inútil de espera, transformou-se em uma experiência de graça que o modificou, que o fez crescer na fé e no amor.

Se, sobre o Monte Averno, São Francisco recebeu os *estigmas* como sinal de sua configuração com Cristo, o *dom de si* marca, agora, indelévelmente, a vida de Padre Eymard e nos revela para onde leva uma verdadeira e plena participação na Eucaristia.

Se isto é válido para todos, o é especialmente para nós que, seguindo Padre Eymard, somos chamados a “dar testemunho da forma eucarística da existência” (PV, 7).